



**OPERAÇÕES CRÍTICAS POR PESSOAS QUE UTILIZAM O
INSTAGRAM[®]: UM ESTUDO SOBRE AS POSTAGENS INDEXADAS
PELA #FECHAABOCA**

**CRITICAL OPERATIONS BY PEOPLE USING INSTAGRAM[®]:
A STUDY ON THE POSTS INDEXED BY #FECHAABOCA**

**OPERACIONES CRÍTICAS DE LAS PERSONAS QUE UTILIZAN
INSTAGRAM[®]: UN ESTUDIO SOBRE LAS PUBLICACIONES
INDEXADAS POR #FECHAABOCA**


Leonardo Silva de Lima


<https://orcid.org/0000-0003-0455-4812> 

<http://lattes.cnpq.br/6932636833481475> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)
prof.leoslima@gmail.com


Denise Fick Alves


<https://orcid.org/0000-0002-3752-8197> 

<http://lattes.cnpq.br/8219220401550696> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)
fick.de@hotmail.com


Guilherme de Oliveira Gonçalves


<https://orcid.org/0000-0003-4337-4275> 

<http://lattes.cnpq.br/9633522588406845> 

Centro Universitário FADERGS (Porto Alegre, RS – Brasil)
professorguilhermeg@gmail.com


Mauro Myskiw


<https://orcid.org/0000-0003-4689-3804> 

<http://lattes.cnpq.br/3089650179595241> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)
mauro.myskiw@ufrgs.br

Raquel da Silveira

<https://orcid.org/0000-0001-8632-0731> 

<http://lattes.cnpq.br/7096433545647878> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)
raqufrgs@gmail.com

Resumo

Os discursos sobre o corpo no *Instagram*[®] têm sido tema de alertas em diversos estudos acadêmicos, mas também são observadas situações nas quais as pessoas que usam essa rede social produzem suas críticas e alertas. Assim, o estudo teve como objetivo compreender a produção da generalidade de postagens indexadas pela #fechaaboca no *Instagram*[®] e as operações críticas colocadas em ação. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, tendo como referência elementos da sociologia da crítica, com base na produção de 11 casos de interlocutoras. Concluímos que a exposição de lutas e/ou sofrimentos pelo corpo magro é um imperativo de justificação relevante para a



constituição da generalidade da postagem, e que, no caso das críticas, isso ocorre na relação com situações de enfrentamento de julgamentos considerados acusatórios e destrutivos.

Palavras-chave: Redes Sociais; Discurso; Corpo; Crítica.

Abstract

Discourses about the body on Instagram® have been the subject of warnings in several academic studies, but situations in which people who use this social network produce their criticisms and warnings are also observed. Thus, the study aimed to understand the production of most posts indexed by #fechaaboca on Instagram® and the critical operations put into action. A qualitative research was carried out, using elements of the sociology of criticism as a reference, based on the production of 11 cases of interlocutors. We conclude that the exposition of struggles and/or suffering by the thin body is a relevant justification imperative for the constitution of the generality of the post, and that, in the case of criticism, this occurs in relation to situations of confrontation of judgments considered accusatory and destructive.

Keywords: Social Media; Speech; Body; Criticism.

Resumen

Los discursos sobre el cuerpo en Instagram® han sido objeto de advertencias en varios estudios académicos, pero también se observan situaciones en las que las personas que utilizan esta red social generan sus críticas y advertencias. Así, el estudio tuvo como objetivo comprender la producción de la mayoría de las publicaciones indexadas por #fechaaboca en Instagram® y las operaciones críticas puestas en marcha. Se realizó una investigación cualitativa, tomando como referencia elementos de la sociología de la crítica, a partir de la producción de 11 casos de interlocutores. Concluimos que la exposición de luchas y/o sufrimientos por el cuerpo delgado es un imperativo de justificación relevante para la constitución de la generalidad del cargo, y que, en el caso de las críticas, esto ocurre en relación a situaciones de confrontación de juicios. considerado acusatorio y destructivo.

Palabras clave: Redes Sociales; Discurso; Cuerpo; Crítica.

INTRODUÇÃO

Os discursos sobre o corpo nas mídias digitais têm sido tema de interesse e de alertas em diversos estudos, dentre os quais aqueles que investigam implicações de conteúdos publicados no *Instagram*®. Entre os trabalhos que se dedicam a esse campo está o de Kim (2021), que tratou de como as mídias digitais têm grande influência (maior do que as mídias tradicionais) em compor padrões de beleza e os corpos ideais, sublinhando que as imagens expostas nas mídias digitais promovem uma comparação entre os corpos idealizados e os corpos dos próprios usuários. Aziz (2017) avaliou um grupo de cerca de duzentos/as jovens com idades entre 16 e 24 anos, usuários/as do aplicativo *Instagram*® e identificou uma relação estreita entre a imagem corporal distorcida pelos padrões determinados nas redes digitais e a gordofobia, intolerância percebida e reafirmada nas mídias digitais. Assim, inicia-se a preocupação de o *Instagram*® tornar-se um ambiente de pressão social. Segundo Winderhold (2019), inicialmente a exibição de fotos para milhões verem parecia inofensiva e divertida, contudo, já se pode compreender que o compartilhamento e a promoção da autoimagem se tornaram, em muitos casos, uma experiência de diminuição da autoestima, com impacto significativo em mulheres jovens, com tendências a distorções da imagem corporal.





Em estudos brasileiros a respeito de discursos sobre o corpo no *Instagram*® também notamos elementos críticos e de alerta. No trabalho de Jacob (2014) a autora, investigando imagens postadas por famosas blogueiras *fitness*, propõe um panorama sobre como operam - como força de opressão das mulheres em relação a seus corpos - as estratégias comunicativas do sistema cultural de alimentação, em especial nas redes sociais e a respeito de uma vida *fitness*. Na investigação de Moreira (2020) sobre postagens realizadas por duas influenciadoras, contendo discursos sobre o corpo, bem como sugestões sobre como deve ser o corpo ideal e as maneiras de alcançá-lo, analisou a construção da imagem corporal, apontando para uma lógica de disciplinamento. Leitzke e Rigo (2020) analisaram postagens no *Instagram*® que abordaram especificamente corpo e saúde, olhando para mecanismos de vigilância da saúde e estratégias de governamentalidade no contexto de uma sociedade de controle. E, na mesma linha analítica, Silva e Tavares (2020), a partir de postagens de mulheres famosas e não famosas de corpos gordos, procuraram compreender como são produzidos os discursos de ódio contra o corpo gordo de mulheres na mídia digital *Instagram*®, alertando para os problemas interligados a estereótipos nocivos às pessoas, mas também a rede social digital como lugar de empoderamento e resistência.

O que esses trabalhos mencionados demarcam é que o universo das pesquisas e produções científicas está produzindo, a partir de distintas abordagens teórico-metodológicas, análises críticas e alertas sobre a questão. Contudo, há elementos para considerarmos – ou pelo menos para nos provocar – que essas críticas e alertas estão sendo produzidos pelas pessoas que usam o *Instagram*®. Nesse sentido, entre os casos que ganhou notoriedade no Brasil, está o da atriz Cléo Pires que, em 2019, foi alvo de ataques nas redes digitais e, em entrevista a um programa de televisão, descreveu, numa perspectiva crítica e de alerta, uma sequência de insultos e comentários que reforçavam padrões de beleza recorrentes nos próprios veículos de comunicação. Em uma postagem do dia 5 de julho de 2019, em sua conta no aplicativo *Instagram*®, a atriz relatou sua crítica sobre essa situação:

Oi, galera! Passando aqui para dizer que nesse tempo de carreira, enquanto você me assistia esperando que eu correspondesse a sua expectativa sobre a minha magreza, eu estive pressionada a me manter no padrão estético sufocante que esperava de mim. São muitas marcas e muitos abismos. (*Instagram*®, postagem em: 5 jul. 2019, acesso em: 8 out. 2019).

Esse caso exposto pela atriz não é uma raridade no universo das redes digitais, em especial no *Instagram*® onde a imagem é o combustível principal. Além de trazer um alerta, ele nos mostra que existe uma produção de crítica não apenas nos estudos acadêmicos (como





mencionados acima), mas também entre as pessoas que se utilizam da rede social digital. É exatamente essa operação crítica que emerge dos/as usuários/as de/em redes sociais digitais que nos interessou investigar, e que nos levou a elaborar, como objeto desta pesquisa, o estudo de operações críticas postas em ação nas postagens no *Instagram*® e a respeito delas, quando elas tratavam da busca pelo corpo magro, pelo ideal de magreza. A partir dos trabalhos de Boltanski (2000; 2015), Boltanski e Thévenot (2020), entendemos como operações críticas as ações de comprovação (como gramáticas de justificação que associam elementos heterogêneos) produzidas pelas pessoas e/ou coletivos, nos seus casos e lutas, para satisfazer seus sentidos de justiça como uma questão pública-coletiva e não individual-singular, no presente estudo tendo como questão os casos e lutas que envolvem discursos sobre o corpo ideal.

O estudo desse discurso sobre o ideal de corpo magro não é uma novidade na literatura acadêmica, havendo trabalhos a respeito de diferentes veículos de comunicação. No estudo de Vieira e Bosi (2013), as autoras abordaram uma entrevista realizada com uma *personal trainer*, pela revista impressa Boa Forma, referindo-se aos hábitos de uma atriz para conquistar o corpo desejado. Elas analisaram o material empírico com foco na construção de um ideal de corpo magro feminino como padrão de beleza. Num dos excertos utilizados na análise, as autoras destacam um argumento significativo no discurso sobre o corpo magro: o fechar a boca:

Nas palavras de sua *personal trainer*, "o esforço que ela faz para conquistar o que quer, ela sua a camisa e **fecha a boca** para manter a forma. Se passa vontade de comer uma porção de coisas, é porque estabeleceu metas e sabe que, ao alcançá-las, o prazer será muito maior" (*Boa Forma*, julho de 2011, p. 25). (VIEIRA; BOSI, 2013; p. 849, grifo nosso).

Outros trabalhos já abordaram especificamente esse argumento, como o livro de Santos (2008), intitulado "O corpo, o comer e a comida", no qual a autora analisa o caso de Suzana, jovem que sofria de bulimia e as estratégias utilizadas para perder peso rápido, também em busca do corpo magro. As revistas e os livros são, sem dúvidas, artefatos culturais-pedagógicos importantes nas construções discursivas, mas, estamos cada vez mais imersos nos fenômenos das redes sociais digitais que, com suas características e inúmeras ferramentas representam o que Recuero (2009) descreve como espaços de interações, lugares de fala. Não menos relevante, para a presente pesquisa, é o uso confessional da *internet*, que para Sibilía (2008), configura um *show* do eu. A autora se refere àquele que se mostra incansavelmente na *web*, e é, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem.





Segundo Wienderhold (2019), mais de cem milhões de imagens e vídeos são carregados todos os dias no aplicativo *Instagram*®, tornando extremamente difícil avaliar o impacto delas, sendo razoável a análise e acompanhamento de *hashtags* como um artefato deste ambiente. Barron, Krumrei-Mancuso e Harriger (2021) explicam que as *hashtags* são adicionadas nas descrições das fotos e textos de publicações para aumentar a circulação, a validade da publicação. Já Siqueira (2018) esclarece que a *hashtag* é uma etiqueta que tem uma vocação categorial, isto é, sua função é agrupar postagens em torno de um assunto, facilitando, assim, a organização, entendimento e disseminação. Normalmente são palavras ou frases sem espaços (por vezes com números, sinais gráficos, siglas ou outros símbolos) precedidas do símbolo # [*hashtag*]. É resultado de uma indexação livre realizada por pessoas ou grupos, para facilitar e/ou motivar buscas, seguidores, compartilhamentos, na lógica de hipertextos e hiperlinks.

Tendo isso em vista, passamos a nos interessar pela investigação de argumentos categorizados, mobilizados e validados pela *#fechaaboca* no aplicativo *Instagram*®. Contudo, diferente do que identificamos na literatura acima acionada, nos interrogamos sobre as operações críticas produzidas e colocadas em ação por pessoas que usaram essa *hashtag* no contexto argumentativo sobre o ideal de magreza corporal, seja nas próprias postagens ou a respeito delas. Para isso, mobilizamos elementos teórico-metodológicos da sociologia da crítica (BOLTANSKI, 2000; 2015; BOLTANSKI; THÉVENOT, 2020; CORRÊA, 2021). Uma das questões centrais nessa perspectiva sociológica é olhar para como as pessoas comuns, no curso de suas vidas ordinárias, produzem suas críticas no julgamento de situações de demandas ou de enfrentamentos de injustiça. Além disso, do ponto de vista metodológico, é importante, sobretudo na produção da empiria, investigar as/nas situações de prova, de crise, isto é, os/nos momentos nos quais as pessoas estão submetidas a um imperativo de justificação.

Nessa perspectiva, é frente aos imperativos de justificação que as pessoas mostram e mobilizam seus repertórios, competências e interesses, comprovando-os em relação a determinadas grandezas (princípios de equivalência e de constituição de comunidades), para que suas críticas adquiram um estatuto de generalidade considerado, ou seja, para que se evidencie que não se trata de uma questão individual/particular, mas algo que deve ser considerado no espaço público (no caso deste trabalho, no universo do *Instagram*®). Na compreensão presente na obra de Boltanski (2020), investigar esse trabalho de comprovação





envolve olhar para as condições que uma crítica deve satisfazer para que seja julgada como questão pública, distanciando-a de uma reclamação ou queixa individual. O trabalho de comprovação conduz as pessoas, diante de um imperativo de justificação, a se entenderem, coordenados por um princípio superior de comunidade.

Frente aos arrazoados até aqui apresentados, apontamos como objetivo geral do presente trabalho compreender a produção da generalidade (como algo que deixa de ser individual/particular e deve ser considerado no espaço público/coletivo) de postagens indexadas pela *#fechaaboca* no *Instagram*[®] e as operações críticas colocadas em ação pelas pessoas que utilizaram essa *hashtag*.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo foi desenvolvido numa perspectiva da pesquisa qualitativa, tendo como referência de caminho teórico-metodológico elementos da sociologia da crítica, estes constantes no trabalho de Boltanski (2015; 2020). Entre as ponderações sobre a relevância dessa perspectiva, Boltanski (2015) salienta o fato de que, na vida contemporânea, as pessoas são instigadas a desenvolverem competências críticas, embora em níveis desiguais, e colocá-las em prática no cotidiano. Disso deriva, segundo o autor, a importância de uma sociologia da crítica, levando a sério os argumentos e as provas que as pessoas mobilizam, acessam, associam, como também os princípios de equivalência que tornam possíveis as generalizações e o reconhecimento público delas.

Foi nessa perspectiva que o presente estudo trilhou suas decisões teórico-metodológicas. Assim, numa primeira fase da produção da empiria, o que ocorreu no período de dezembro de 2019 até janeiro de 2020, realizamos o mapeamento da *#fechaaboca* no local de busca dentro do aplicativo *Instagram*[®], ocorrendo o retorno de mais de cinco mil publicações que utilizaram este marcador nas publicações. Diante desse retorno inicial, selecionamos a opção das publicações classificadas como mais relevantes e, frente ao grande volume de dados, entre as listadas, escolhemos trabalhar com as cem primeiras que se orientavam especificamente pelos discursos de corpo magro e ideal de magreza corporal.

A partir disso, para dar conta de investigar as operações críticas colocadas em ação pelas pessoas que se utilizavam dessa *hashtag*, através da ferramenta *direct* do próprio aplicativo, entramos em contato com os/as cem pessoas. Nesse contato, considerando as orientações e regulamentações de ética em pesquisa constante na Resolução 510/2016





(CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016), inicialmente explicitamos informações sobre os/as pesquisadores/as e a respeito da investigação.

Dos cem contatos iniciados pela ferramenta *direct* no aplicativo *Instagram* e, depois do consentimento livre e esclarecido das pessoas, pudemos contar com a participação de onze interlocutoras, as quais iremos denominar como “@perfil1”, “@perfil2” e assim respectivamente. Até o momento do início das interações, os perfis contavam com um número de seguidores/as entre 786 e 62 mil seguidores, todos com uma média de engajamento para a publicação de 1-3%.

Nas conversas estabelecidas com as interlocutoras, buscando provocá-las a respeito do uso da *#fechaaboca*, utilizamos o seguinte questionamento para interpor um imperativo de justificação, tendo em vista a compreensão das operações críticas colocadas em ação por elas: “Gostaria de saber o porquê da utilização desta [*hashtag*] em sua publicação? E qual sua opinião sobre esse discurso [fecha a boca]?”. Em alguns casos, utilizamos o próprio exemplo da atriz Cléo Pires mencionado na introdução, para contextualizar a pergunta a perspectiva da pesquisa a respeito das operações críticas.

As respostas das questões acima das 11 interlocutoras, juntamente com as publicações indexadas pela *#fechaaboca*, estas contendo textos, imagens e dados do próprio aplicativo do *Instagram*® (número de curtidas) passaram a compor ‘casos’ (*affaires*) no sentido de que interpõem processos de lutas, de enfrentamentos, de busca de reconhecimento, olhando atentamente para situações que se colocam como imperativos de justificação relacionados às demandas ou apontamentos de situações de injustiça, na linha do que argumentou Boltanski (2000), sendo fundamental na análise sociológica dos casos, questões, pontos ou princípios de passagens de um problema individual/particular para um problema público/coletivo. Nos 11 casos, procuramos olhar para essa passagem, possibilitando examinar a formação de causas coletivas desenvolvidas pelas próprias interlocutoras.

Não se trata de uma passagem do indivíduo para a sociedade, nem mesmo do estabelecimento de assimetrias *a priori* entre, por exemplo, conhecimento científico e senso comum, mas de como um caso cria condições metodológicas e sociológicas para mostrar a constituição social no trabalho de translação para deixar de ser singular-individual e se sustentar como coletivo-público. Nos nossos movimentos de compreensão descritos nas próximas seções (cada uma delas dedicadas a atender uma parte do objetivo geral do estudo) tratamos de apontar esses pontos de passagem apreendidos nos 11 casos, mas também,





seguindo as lógicas do trabalho de Boltanski (2020), a descrever elementos de uma gramática de justificação, isto é, de práticas de comprovação postas em ação pelas pessoas nas postagens ou a respeito delas, mobilizando e associando suas competências, recursos e interesses, para satisfazer as demandas de princípios superiores de equivalência (de grandeza ou de engrandecimento), o que mencionamos aqui como pontos de passagem imperativos.

A GENERALIDADE DAS POSTAGENS

Ao produzirmos nosso primeiro movimento de compreensão sobre o uso da *#fechaaboca*, resultou de nossos estudos dos casos das 11 interlocutoras, o entendimento de que o trabalho de conferir generalidade (ocupar um lugar no espaço público) passava pela descrição e, em alguns casos, a dramatização, por meio de textos e imagens, de suas lutas e/ou sofrimentos pelo corpo magro, uma luta travada contra si, no enfrentamento de seus desejos e nas demandas de disciplinamento para conquistar a mudança corporal. Podemos dizer, assim, que a exposição de lutas e/ou sofrimentos se trata de um imperativo de justificação, como forma de passagem de uma situação singular para uma questão pública, com o qual se relacionavam as usuárias na constituição de suas postagens e no uso da *hashtag*.

Mas além de identificarmos esse ponto de passagem (imperativo), pudemos notar, a partir do estudo dos 11 casos, alguns elementos de uma gramática colocada em ação, isto é, condições importantes de serem atendidas para comprovarem o engajamento na luta e no sofrimento. Entre os elementos dessa gramática, destacamos: dramatizar um problema relacionado ao próprio corpo e à necessidade de mudanças, sobretudo pela eliminação de algo (peso, medidas, gorduras, etc.); descrever formas de conquistar um equilíbrio, quando ganham destaque as práticas de exercícios físicos e os cuidados alimentares; e a iconização desse equilíbrio através de imagens da luta ou da conquista.

A descrição de alguns elementos do caso da interlocutora *@perfil02* nos ajuda a mostrar esse trabalho de comprovação. Numa das postagens em que utilizou a *#fechaaboca* (em 15 de outubro de 2018), ela descreve sua luta contra si mesma num dia difícil, dramatizando seu controle de comer e beber o que gosta, de conviver com a fome e de buscar um equilíbrio. Ela aciona, nesse contexto narrativo, uma imagem que expressa a batalha consigo. A publicação refere-se a uma imagem da seguinte frase escrita em uma tira de papel: "A batalha contra si mesmo é a mais difícil de vencer". Na descrição da imagem, a interlocutora





explora a fala de alguns excessos por um período de cinco meses e que aquele dia (no momento da publicação) estava sendo difícil.

Nas interações pelo *direct* com essa interlocutora, ao questionarmos se ela sofre com alguma insatisfação corporal e por esse motivo recorre a *#fechaaboca*, ela confere ainda mais destaque a essa luta e sua dramatização na rede social digital: “[...] há um ano e meio passo por um processo de mudança de vida. Neste dia em específico foi a primeira vez que sai da dieta que estava.” (INTERLOCUTORA @PERFIL02)

Se, no caso da interlocutora @perfil02, a conquista de equilíbrio performada se dá na relação com a alimentação, outras trouxeram a relação com os exercícios físicos como lugar de comprovação de suas lutas e sofrimentos pelo corpo magro, de maneira bastante recorrente acionando um ‘sofrimento da gordura’. Num dos casos nesse sentido, a interlocutora @perfil04, no dia 03 de abril de 2018, realiza uma postagem utilizando a *#fechaaboca*, na qual dramatizava sua problematização corporal em relação à celulite, colocando ‘sua guerra’ contra 8 quilos e sua forma de luta pelo equilíbrio relacionado a uma maior qualidade de vida. Ela descreve o seu “treino de hoje” e o ilustra com uma imagem que expressa sua conquista e esconde os problemas, como menciona. Entre as *hashtags* utilizadas, ainda havia “#bocanervosa #saude #fechaaboca” entre outras.

Essa gramática de comprovação da luta e do sofrimento pelo corpo magro, seja relacionado à alimentação ou aos exercícios físicos, como ponto de passagem para alcançar generalidade foi mobilizada não apenas nas postagens. Nas interlocuções, pela ferramenta *direct*, diante de nossas perguntas, as interlocutoras acionavam elementos na mesma direção. Destacamos dois excertos das conversas nesse sentido:

Eu estava falando de fechar a minha boca para comer menos e caber no meu vestido de madrinha (risos) (INTERLOCUTORA @PERFIL05).

Eu sofro muito com isso. Nem gosto de me fotografar... E quando eu fico com raiva de alguma coisa é aí que eu como mesmo. Somente doces e refrigerantes me satisfazem. [...] E eu que já fui bem magra e até já fui rainha do Carnaval aqui da cidade de [nome da cidade]. É f... sair na rua e ver as pessoas me olhando o quanto engordei. (INTERLOCUTORA @PERFIL10).

Tanto as postagens como as conversas que compuseram os 11 casos, quando consideramos a *#fechaaboca*, percebemos um trabalho de comprovação que envolve o manuseio de informações sobre as experiências de pessoas que lutaram/lutam contra si mesmas por um corpo magro. Tal trabalho coloca como imperativo questionamentos e interpelações sobre algo no próprio corpo e a necessidade de mudar (a gordura corporal, a





celulite nas costas e no bumbum, os quilos, as medidas corporais, a definição das pernas). Sendo assim, a generalidade dos casos, no sentido de ocupar um espaço público não singular, implica performances de pessoas em dieta (aquelas em regimes de controle, cuidado, abstinência de alimentos/bebidas, sobretudo os que gostam, mas e que, segundo suas avaliações, não contribuem, pois 'são lixos'), pessoas descontentes com questões/dimensões corporais (como a presença da celulite nas costas e a gordura corporal na rainha do carnaval, outrora magra) e as pessoas que resolvem ou equalizam a ansiedade através da comida ou das próprias postagens no sentido de comunicar.

A presença desse imperativo não é uma novidade nos trabalhos acadêmicos, ainda que estes tenham propostas teórico-metodológicas distintas. Por exemplo, o trabalho de Verrastro e colaboradores (2020) aponta para a existência de uma pressão por padrões inatingíveis por serem criados em filtros e edições de imagens. Stein, Krause e Ohler (2021) afirmam que as associações do corpo com padrões estéticos, transformando-o em um troféu a ser apresentado no *Instagram*[®], remete a conquistas atléticas, as quais sempre são relacionadas com batalhas e lutas travadas, buscando as glórias atléticas e saudáveis, contudo com uma aparência magra. Cohen e colaboradores (2019) reforçam esse sentido relatando que essa associação de inspirações *fitness* e corpo magro surgem nas imagens no *Instagram*[®] na forma sexual objetificada dos corpos, aumentando as visualizações e curtidas, ganhando força na rede.

A GENERALIDADE DAS CRÍTICAS SOBRE AS POSTAGENS

Contudo, além de apontarmos performances de lutas e/ou sofrimentos como pontos de passagem para a generalidade das postagens atreladas à *#fechaaboca* no *Instagram*[®], avançamos na pesquisa buscando compreender a produção e as operações críticas colocadas em ação pelas pessoas que utilizaram essa *hashtag* no *Instagram*[®]. Assim, investigamos, nos 11 casos, as operações críticas e, a respeito delas, as condições que precisavam ser satisfeitas (as competências, os recursos, as gramáticas de justificação, capazes de satisfazer a denúncia pública) para que fossem dessingularizadas.

Ao estudarmos os casos, identificamos, pelo menos, uma crítica relacionada à busca do corpo magro e ao ideal de magreza. Nos referimos ao ponto de passagem da crítica, na perspectiva de injustiças, que se dá pelo enfrentamento de julgamentos considerados acusatórios e destrutivos incidentes sobre as pessoas (indivídu@s) que está sob os cuidados





da alimentação e/ou dos exercícios físicos, tendo em vista, sobretudo, o emagrecimento. E, para comprovar essa crítica e seus alertas, no sentido de galgar sua generalidade e coletividade, elementos de uma gramática foram colocados em ação nas postagens marcadas com a *hashtag* e nas conversas estabelecidas pelo *direct*. Entre elas, notamos a presença de questionamentos, de interrogações que problematizem as crenças simplistas e agressivas, os discursos de ódio e destrutivos; os apontamentos de riscos e/ou de problemas relacionados à busca frenética pelos ideais de magreza; a descrição de processos de passagem que demonstram a tomada de consciência sobre as crenças e julgamentos destrutivos, para enfrentá-los; manifestações de esforços de motivação e de foco atrelados a esses enfrentamentos.

Uma das postagens que mobilizou essa gramática de comprovação no enfrentamento de julgamentos acusatórios e destrutivos foi feita no caso da interlocutora *@perfil9*, sendo ela uma nutricionista com mais de 11 mil seguidoras no momento da investigação. A própria imagem (publicada no perfil no dia 11 de julho de 2019) utilizada para performar essa crítica coloca uma pessoa pensando diante de afirmações acusatórias e agressivas com as quais ela se depara.

Quando você fala isso para uma pessoa qual o seu objetivo? Muitos respondem: “eu to tentando ajudar, mostrar pra ela”. Quando foi que você teve qualquer evidência de que ajudou alguém falando isso? Porque eu nunca conheci ninguém que conseguiu emagrecer porque alguém falou de maneira agressiva: CRIA VERGONHA NA CARA E COME DIREITO!

Eu sei, muitos de vocês nunca pararam pra pensar nisso, nem perceberam a gravidade disso e muitos tem muitas dificuldades, mas falam ou pensam isso também.

Então te convido pra refletir.

É MUITO MAIS DO QUE FECHAR A BOCA. É MUITO MAIS DO QUE DEIXAR DE SER PREGUIÇOSA!

É superar grandes dificuldades! É enfrentar crenças muito fortes e limitantes! É conhecer e aceitar suas fraquezas! É lutar pra se perdoar, pra parar de se odiar! É tentar se amar mesmo acreditando que não merece!! É persistir mesmo quando fica muito difícil!!! É continuar, mesmo sem o apoio de ninguém! É tentar acreditar, a cada dia, mesmo com os obstáculos, que é possível!!

Da próxima vez que você pensar, falar ou ouvir estas frases, lembre: é muito mais do que fechar a boca.

E você que já ouviu isso muitas vezes: eu sei que às vezes parece impossível, mas acredite, você é muito mais. Muito mais. (INTERLOCUTORA *@PERFIL09*).

Nessa publicação, em que pese a gramática de comprovação da crítica, notamos a perspectiva de pensamento e questionamento, envolvendo a *#fechaaboca*. A legenda descreve





detalhes sobre problemas, entre eles a individualização, acusação, a agressividade e a falta de evidências, apontando para a necessidade de uma passagem/transformação rumo a uma tomada de consciência sobre as crenças limitadas, o que envolve se aceitar, se perdoar para seguir, acreditar e prosperar. A postagem, como proposta de motivação, também mobiliza elementos de enfrentamento ao sustentar que “você é muito mais [do que fechar a boca]”, de que “é possível” vencer os obstáculos, mesmo “sem apoio de ninguém”.

Ao ser questionada através do *direct* sobre o uso da *#fechaaboca* nessa postagem, a interlocutora *@perfil9* tratou de demarcar, em tom crítico, que não era a favor desse discurso sem problematizá-lo e que, ao utilizar a *hashtag*, seu objetivo era justamente propor algo provocativo, um alerta, do ponto de vista da compreensão e da motivação associada ao enfrentamento das crenças destrutivas.

Eu trabalho hoje com transtorno alimentar e sei o reflexo desse tipo de coisa. A postagem é super empática e totalmente contra isso. Muitos profissionais também usam essas # como veículo para atingir pacientes que procuram ‘infos’ através deles. Algo positivo para um paciente ler quando busca algo negativo. Então acho que é válido considerar que as # nem sempre indicam apenas conteúdos negativos. (INTERLOCUTORA *@PERFILO9*)

Essa descrição a respeito da publicação e da interlocução com a *@perfil09* nos possibilitou apontar uma gramática de comprovação da crítica, quando enfrentam comentários de pessoas e crenças descritas e entendidas como ‘negativas’ e ‘destrutivas’, transladando assim para um conteúdo considerado ‘positivo’, na forma de alertas. Nesse trabalho de generalização da crítica, de um lado, emergem informações acerca do saber-poder dos especialistas, com destaque para as nutricionistas; e, de outro, do saber-poder daqueles que experimentaram sentimentos e enfrentaram julgamentos destrutivos e, portanto, podem legitimamente falar sobre eles.

No trabalho de saber-poder de especialistas, por exemplo, estava o caso da interlocutora *@perfil04*, que apresentava mais de sessenta mil seguidores e se descrevia *expert*, mentora, professora e nutricionista. Na conversa via *direct* estabelecida com ela, essa interlocutora, ao ser interrogada sobre o uso da *#fechaaboca*, argumentou que “[...] utilizei neste *post* antigo. Na legenda você pode entender o enfoque. Sobre o mito que para emagrecer é ‘só fechar a boca’. Na mesma linha do que foi observado na descrição da *@perfil09*, o uso dessa *hashtag* veio associado a uma legenda com conteúdos questionadores, que não simplificam o emagrecimento e levam os argumentos para a luta do autoconhecimento. Nesse caso específico da postagem feita pela interlocutora *@perfil04*, ela



fez questão de esclarecer que a legenda destacava a reeducação alimentar, que “[...] não quer dizer passar fome, pelo contrário, o caminho é inverso, você deve estar aberto para novos sabores e cores! [...] A ideia do *post* é contrapor ideias assim. Não como um gerador de comportamento, mas um reflexo”.

A outra forma de trabalho de coletivização da crítica envolve pessoas que colocavam seus saberes-poderes da experiência vivida de sentimento e de enfrentamento de julgamentos destrutivos. Como no uso argumentado em conversa no *direct* pela interlocutora do caso *@perfil11*, que mencionou ser uma forma de lembrar da presença desses julgamentos que machucam e, assim – infelizmente, diz ela –, se manter motivada.

Eu usei *#fechaaboca* para várias coisas. No caso foi para mim, fechar a boca no momento foi para fechar mesmo no sentido de manter focada na alimentação e de não contar nada a ninguém porque as pessoas não querem saber as dificuldades (com ansiedades, compulsões, estresse, tristezas). As pessoas só sabem julgar e cobrar. Os seres humanos estão perdendo a essência do ajudar. Do incentivar. Então eu usei o *#fechaaboca*. Pra ñ me machucar ñ me frustrar. Porque sei que no primeiro escorregão, vem muitas críticas destrutivas. Infelizmente. [...] (INTERLOCUTORA *@PERFIL11*).

O trabalho da crítica, nesse princípio de superioridade que coletiviza os argumentos e coloca no espaço público, estabelece que “[...] o segredo é fazer a mente trabalhar a favor de você, não contra”, como consta na postagem da interlocutora do caso *@perfil06*. No momento de seu acesso essa publicação (do dia 6 de novembro de 2017) que enfatiza, através de outras *hashtags*, o foco e o resultado, estes destacando positivamente a imagem (linda, aplausos, corações).

A crítica como fundamento de motivação tem, portanto, como ponto de passagem importante uma luta que busca uma validação coletiva, no sentido de que estão referenciadas no enfrentamento, ou melhor, na interpelação de alguém (aquele que está tentando ajudar e, ao usar o ‘fecha a boca’, agride, simplifica; aquele que supõe falta de vergonha; aquele que não quer saber das dificuldades, que só sabem julgar e cobrar). Não por acaso, a interlocutora do caso *@perfil02* assim se manifestou sobre o uso da *#fechaaboca*: “Hoje, depois de muito ler e aprender sobre isso, não uso mais nenhum termo em relação a isso, para te ser sincera nem a palavra dieta eu costumo usar. Aprendi muito com o sofrimento e hoje me cobro muito menos”.

As operações críticas, portanto, colocam as interlocutoras – nos casos estudados – como ‘uma comunidade’ de enfrentamento associada a motivação para a continuidade, como um ponto de passagem de alguém que, a partir da relação com comentários nocivos e





enfrentamentos 'se conhece' e 'se fortalece'. Esse movimento, de certa forma, foi identificado no estudo de Silva e Tavares (2020), sobre as postagens de mulheres famosas e não famosas de corpos gordos, no *Instagram*[®]. Além de alertar para os problemas interligados a estereótipos nocivos às pessoas, as autoras sustentaram que a rede social digital opera como lugar de empoderamento e resistência. Acrescentamos, a partir deste estudo, como lugar de crítica que conquista sua generalidade a partir das gramáticas de justificação em torno das lutas e/ou sofrimentos. Não é difícil compreender, agora, a manifestação crítica operada pela atriz Cléo Pires mencionada na introdução deste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando nossas escolhas teórico-metodológicas e a produção empírica dos 11 casos, assim como as descrições, na perspectiva compreensiva, colocadas nas duas seções anteriores, podemos concluir que a exposição de lutas e/ou sofrimentos pelo corpo magro, travada contra si, é um imperativo de justificação (um ponto de passagem) relevante para a constituição da generalidade da postagem, como forma de passagem de uma situação singular para uma questão pública. Olhando para a gramática de comprovação posta em operação, percebemos que se trata de evidenciar a passagem de um desequilíbrio para um outro momento de equilíbrio corporal.

Mas, além disso, pudemos identificar que as interlocutoras, de diferentes maneiras, produzem suas críticas e alertas em situações de enfrentamento de julgamentos considerados acusatórios e destrutivos (casos de injustiça). Expor os enfrentamentos aos julgamentos, assim, configura um imperativo de justificação para que essa crítica se constitua numa coletividade. Para isso, concluímos que, em termos de comprovação, as condições a serem atendidas, envolvem performar uma translação de algo que 'é ruim' (os julgamentos acusatórios e destrutivos) para algo que 'é bom' (a tomada de consciência e a motivação para continuar).

Em linhas gerais, concluímos que o presente trabalho dialoga com a literatura da área, mas contribui para ampliar as reflexões existentes ao destacar que como as pessoas que usam o *Instagram*[®] e, especificamente, a *#fechaaboca*, trabalham para constituir a generalidade de suas postagens e de suas próprias críticas e alertas.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZIZ, Jwana. **Social media and body issues in young adults**: an empirical study on the influence of Instagram use on body image and fatphobia in Catalan University Students. 2017. 56f. Master Thesis in International Studies in Media, Power and Difference. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2017.

BARRON, Ashley; KRUMREI-MANCUSO, Elizabeth; HARRIGER, Jenifer. The effects of fitspiration and self-compassion Instagram posts on body image and self-compassion in men and women. **Body Image**, v. 37, p. 14-27, 2021.

BOLTANSKI, Luc. **El amor y la justicia como competências**: três ensaios de sociología de la acción. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, 2000.

_____. Sociologia crítica e sociologia da crítica. In: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (Orgs). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro, 7Letras, 2015.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **A justificação**: sobre as economias da grandeza. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

COHEN, Rachel e colaboradores. #bodypositivity: a content analysis of body positive accounts on Instagram. **Body Image**, v. 29, p. 47-57, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 04 ago. 2023.

CORRÊA, Diogo Silva. Novos rumos da teoria social a partir de três gestos da sociologia pragmática. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 36, n. 105, p.e3610505, 2021.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. **Communicare**, v. 14, n. 1, p. 88-105, 2014.

KIM, Hye Min. What do others' reactions to body posting on Instagram tell us? The effects of social media comments on viewers' body image perception. **New media & society**, v. 23, n. 12, p. 3448-3465, 2021.

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; RIGO, Luiz Carlos. Sociedade de controle e redes sociais na internet: #saúde e #corpo no *Instagram*. **Movimento**, v. 26, e26062, jan./ dez., 2020.

MOREIRA, Marília Diógenes. A construção da imagem corporal nas redes sociais: padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais. **Percursos linguísticos**, v. 10, n. 25, p. 144-162, 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.





SANTOS, Ligia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais alimentares a partir da cidade de Salvador/BA. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Débora Caruline Pereira; TAVARES, Lúcia Helena Medeiros da Cunha. Os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino no *Instagram*: dos estereótipos às resistências. **Percursos linguísticos**, v. 10, n. 25, p. 259-278, 2020.

SIQUEIRA, Elis Nazar Nunes. **Categorizações, conjuntos e audiência no Instagram**: repensando folsonomias a partir da hashtag #favelatour. 2018. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.

STEIN, Jan-Philipp; OHLER, Peter; KRAUSE, Elena. Every (Insta)Gram counts? Applying cultivation theory to explore the effects of Instagram on young users' body image. **Psychology of popular media**, v. 10, n. 1, p. 87-97.

VERRASTRO, Valeria e colaboradores. Fear the Instagram: beauty stereotypes, body image and Instagram use in a sample of male and female adolescents. **QWERTY**, n. 15, v. 1, p. 31-49, 2020

VIEIRA, Camila Araújo Lopes; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científicos e midiáticos em revistas de beleza feminina. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 23, n. 3, p. 843-861, 2013.

WIEDERHOLD, Brenda. Does digital media use increase symptoms of ADHD in adolescents? **Cyberpsychology, behavior and social networking**, v. 3, n. 22, p. 171-172, 2019.

Dados do primeiro autor:

Email: prof.leoslima@gmail.com

Endereço: Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS, CEP 90690-200, Brasil.

Recebido em: 04/08/2023

Aprovado em: 25/09/2023

Como citar este artigo:

LIMA, Leonardo de e colaboradores. Operações críticas por pessoas que utilizam o *Instagram*®: um estudo sobre as postagens indexadas pela #fechaaboca. **Corpoconsciência**, v. 27, e16091, p. 1-16, 2023.

